

Narrativas de vida da população lgbtqi+: identidades desviantes e alteridades segregadoras.¹

*Alexandre Marcelo Bueno²
Felipe Santos da Silva³*

Resumo: O presente artigo tem por objetivo contribuir para os estudos sobre o tema de identidade de gênero, relacionando-o com a teoria e o método da semiótica de linha francesa e o campo de estudos sobre sexualidade e gênero. Para tanto, foram colhidos e gravados depoimentos de acadêmicos que relatam suas vivências e experiências no que tange às suas negações e (re)descobertas identitárias. Apresentaremos nesse estudo um recorte com fragmentos dos depoimentos de dois sujeitos que participaram dessa pesquisa, cujos discursos são analisados com o uso da semiótica discursiva, da análise do discurso e dos estudos de gênero. Os resultados deste trabalho apontam um caminho rumo à construção de duas imagens dos sujeitos em questão (antes e depois da assunção de sua condição identitária) e a construção da imagem dos outros (família, sobretudo). Destaca-se, ainda, a passagem de uma primeira fase de repressão, seguida de uma fase de descoberta de si e, por fim, assumindo-se ou não perante o outro e suas repercussões positivas e negativas. Apresentam-se ainda possibilidades sobre as diversas formas de como as identidades podem ser construídas internamente e concebidas socialmente sob o prisma das relações familiares.

Palavras-chave: Identidade de Gênero; Sociosemiótica; Sexualidade; Descoberta.

¹ *A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAEE: 88935518.2.0000.5495).*

² *Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Franca (UNIFRAN) - Avenida Doutor Armando de Salles Oliveira, 201, Programa de Mestrado e Doutorado em Linguística-Bloco Bordô, Franca/SP, CEP: 14404-600. Email: alexandre.bueno@unifran.edu.br/alexandrebueno@gmail.com.*

³ *Graduando em Psicologia pela Universidade de Franca (UNIFRAN) – Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – Iniciação Científica (Processo: 2018/10915-0). Avenida Doutor Armando de Salles Oliveira, 201, Franca/SP, CEP 14404-600. Email: felipe.stos.sva@gmail.com.*

Introdução

As identidades sociais realizam vários percursos, absorvendo as maneiras como os sujeitos que as compõem conceituam e avaliam a si mesmos, o mundo e o outro com quem se relacionam. Incluem, nesse percurso, atributos pessoais e compartilhados entre grupos específicos de indivíduos, com características únicas e comuns entre si. Ao longo de suas construções, o nome, autoconceito, gênero, raça, nacionalidade, as relações interpessoais, afiliações, afinidades, ideologias, entre outras particularidades, são como pilares que irão sustentá-las como identidades sociais que se diferem umas das outras.

Como afirma Eric Landowski (2002), há duas possibilidades de se conceber a construção da identidade. Uma reflexiva, quando se fala de si, em direção a uma essencialidade que nem sempre é fácil de sustentar, e outra transitiva, a partir do contato com o outro, definindo-se ao mesmo tempo em que se pretende definir o outro, a alteridade cuja presença também é constitutiva da existência da identidade.

Por essa razão, compreendemos que, para se construir tais identidades, faz-se necessário que haja vários grupos de identidades pessoais para compor tais totalidades. E o processo pelo qual o fenômeno dessa construção identitária (pessoal) percorre, até se conceber como tal, é o que nos interessa aqui. Debruçar-nos-emos, então, sobre a questão identitária para entender como ocorre seu desenvolvimento discursivo, ou seja, se essa formação identitária é fixa ou fluída, constante ou inconstante, permanente ou oscilante, construída ou herdada, mutável ou rígida.

Sabemos que as construções identitárias iniciam-se desde os primeiros anos de vida, perpassam pela adolescência, até chegar a fase adulta, e ainda assim, estão como inacabadas, mesmo até durante o período senil. E isso se dá porque sempre há novas descobertas, novas possibilidades, novas maneiras de conceber a si mesmo e o mundo que nos cerca, ou seja, sempre há um devir.

Em *Tales of the City*, de Armistead Maupin (traduzida como *Crônicas de San Francisco*), uma produção da Netflix que deriva de uma versão originalmente produzida nos anos 1990, são descritos fragmentos das vidas de um grupo de pessoas que vivem em Barbary

Lane, um lar em que são acolhidas pessoas pertencentes à comunidade LGBTQI+ e que não seguem aos padrões heteronormativos ainda presentes na sociedade em que vivem⁴.

A produção destaca os grandes avanços já alcançados para a comunidade LGBTQI+ quando comparada com o contexto na qual foi transmitida em sua primeira versão nos anos 1990. Podemos constatar isso ao observar um dos cenários em que a trama se desenvolve, o bar Corpo Político, um lugar onde há presença da diversidade, em que cada sujeito pode agir, ser e fazer o que almeja, não há preconceitos e todos são admirados e aceitos por serem como são: gays, queers, lésbicas, não binários, homens e mulheres trans etc.

Desde seu início, a série retrata a história de vida de uma mulher trans (interpretada por Olympia Dukakis), Anna Madrigal, que comemora os seus noventa anos de idade. No desenrolar da trama, conta suas descobertas e (re)descobertas identitárias para a família que ela própria escolheu para si: a comunidade que vive em Barbary Lane. A personagem relata a luta enfrentada por ela no passado e os segredos que teve que guardar, às vezes usando a omissão como forma de resistir e sobreviver em tempos difíceis, sobretudo quando o preconceito e ódio eram convertidos em violência e repressão do governo contra a presença de pessoas trans, gays e lésbicas nos espaços públicos da cidade.

Relatos dessa produção mostram histórias de vidas reais, de pessoas que percorrem diversos caminhos em busca do (auto)conhecimento, da liberdade, do respeito e da aceitação de si e do outro. Nesse sentido, este estudo procura recuperar a força do depoimento de vivências pessoais ao analisar depoimentos e discursos originados de uma investigação realizada em uma universidade situada no interior paulista.

Para o presente trabalho, foram selecionados extratos e recortes das falas de dois participantes (de um total de sete depoimentos). Especificamente, foram escolhidos trechos das falas dos entrevistados com finalidade de compará-las entre si, para identificar como se constroem as imagens de si e dos outros (amigos, familiares etc.), em seus mais diversos aspectos eufóricos ou disfóricos.

Nesses discursos, observamos as vivências dos depoentes em torno de suas identidades outrora simuladas e, por conseguinte, performativizadas, após um longo período de transições, descobertas, (re)descobertas e, mais do que isso, de um processo de empoderamento por eles vivenciados. Antes das análises, apresentaremos os pilares teóricos e metodológicos da

⁴ Disponível em: <https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/criticas/criticas-de-series/2019/06/cronicas-de-sao-francisco-critica-1a-temporada>. Acesso em: 24 jul. 2019.

semiótica e da análise do discurso em relação ao modo como se constroem as imagens da identidade e da alteridade por meio dos enunciados produzidos pelos depoentes. Desse modo, esperamos que fique mais clara a linha teórica adotada, assim como a explicitação dos resultados a que chegamos.

Enunciação, discurso e estilo

A semiótica de linha francesa, elaborada por Algirdas Julien Greimas e continuada por colaboradores, é a base teórica de sustentação das análises a serem empreendidas neste artigo. Produzida como o entrecruzamento entre postulados teóricos e epistemológicos da linguística estrutural de origem saussuriana e hjelmsleviana e os mais recentes avanços das Ciências Humanas no período áurea do Estruturalismo (Antropologia, Mitologia Comparada etc.), a semiótica tem como objeto de estudo a significação. Assim, o sentido é o ponto central de interesse da semiótica, independentemente do plano de expressão que o veicula.

Dotada de um quadro metodológico padrão – o chamado percurso gerativo do sentido –, a semiótica foi incorporando, aos poucos e progressivamente, outros conceitos, em um gesto de bricolagem que já havia sido apontado por outros teóricos, como Floch (1985). Desse modo, para além do percurso gerativo do sentido, que serve para postular a geração do sentido que parte de estruturas elementares e vai obtendo complexificações progressivas até alcançar patamares mais concretos de significação, a semiótica atualmente incorpora outros interesses e objetos para prosseguir em seu projeto de explicação da formação e da compreensão dos sentidos que circulam em uma sociedade qualquer.

Dentre os conceitos que servem, atualmente, como espaço de acolhimento para as novas propostas analíticas, está a enunciação. Assim, ela opera no nível discursivo, a partir do qual ela assume as estruturas narrativa e fundamental, organiza os temas, ou seja, complexifica o sentido mais abstrato das estruturas subjacentes, e pode revesti-las com figuras que remetem ao mundo natural.

Em uma elegante fórmula, Landowski mostra que a relação entre enunciação e enunciado não é unívoca. Pelo contrário, ela possui uma relação de implicação mútua: “(...) a

‘enunciação’ não será, pois, nada mais, porém nada menos tampouco, que o ato pelo qual o sujeito faz o sentido ser; correlativamente, o ‘enunciado’ realizado e manifestado aparecerá, na mesma perspectiva, como o objeto cujo sentido faz o sujeito ser” (1992, p. 167).

É esta relação entre enunciação e enunciado que desenvolveremos nossas considerações a respeito da construção da imagem de si no discurso, assim como da imagem do outro. Para isso, precisamos compreender que a enunciação é a instância responsável pela instauração das categorias de pessoa, tempo e espaço no discurso. Essas categorias são produzidas por meio de duas operações básicas: a *debreagem* (actancial, temporal e espacial) enunciativa, na qual as categorias da enunciação (eu, agora e aqui) são projetadas no enunciado; e a *debreagem* (actancial, temporal e espacial) enunciva, em que são projetadas as categorias do enunciado: ele, então e lá⁵. É dessa maneira que explica Fiorin:

Podemos distinguir, pois, no texto a enunciação enunciada e o enunciado enunciado. Aquela é o conjunto de elementos linguísticos que indica as pessoas, os espaços e tempos da enunciação, bem como todas as avaliações, julgamentos, pontos de vista que são de responsabilidade do *eu*, revelados por adjetivos, substantivos, verbos, etc. O enunciado enunciado é o produto da enunciação despido das marcas enunciativas (FIORIN, 2008, p. 138).

Em outras palavras, mesmo desprovido de marcas de subjetividade, o enunciado ainda comporta um ponto de vista e os valores de sua fonte enunciativa. Desse modo, o enunciado também indica os traços que definem uma imagem desse enunciator. Em suma, como afirma Maingueneau, é “(...) por meio da enunciação, [que] revela-se a personalidade do enunciator” (2002, p. 97-98).

É preciso ainda pontuar que a personalidade mencionada por Maingueneau deve ser retirada do senso comum e tratada como uma metalinguagem. Com essa perspectiva, a relação intrínseca entre enunciação e enunciado permite compreender significações que estão aquém ou além do que é dito. Assim, um dos meios para se apreender esses sentidos constitutivos da imagem do enunciator é por meio do conceito de *éthos*. Pode-se entender inicialmente essa noção como um modo de dizer que remete a um modo de ser:

O universo de sentido propiciado pelo discurso impõe-se tanto pelo *éthos* como pelas ‘ideias’ que transmite; na realidade, essas ideias se apresentam por intermédio de uma *maneira de dizer* que remete a uma *maneira de ser*, à participação imaginária em uma experiência vivida (MAINGUENEAU, 2002, p. 99).

⁵ Além disso, há também a operação da *embreagem enunciativa e enunciva* que não será aqui tratada, mas cujo fenômeno pode aparecer nos discursos a serem analisados. Para um maior conhecimento sobre as operações da enunciação, remetemos à obra de Fiorin (1996).

Esse modo de dizer envolve algumas características, como a existência de uma voz, de um tom e de um corpo que remetem, então, a um caráter (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2006, p. 220). Deve-se esclarecer que não se trata da voz, do tom e do corpo real de um autor presente no mundo natural, mas sim uma representação desses elementos a partir do modo como o discurso do enunciador é construído. Em outras palavras, deve-se compreender os conceitos propostos por Maingueneau como efeitos produzidos pelos discursos elaborados por um determinado enunciador.

Trata-se de apreender um sujeito construído pelo discurso e não uma subjetividade que seria a fonte de onde emanaria o enunciado, de um psiquismo responsável pelo discurso. O *éthos* é uma imagem do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito (FIORIN, 2008, p. 139).

É preciso ficar claro que o *éthos* não se limita a apenas apontar elementos que constroem um estilo particular do enunciador. Essa representação (ou imagem de si) tem por função explicitar no discurso a dinâmica interativa entre um autor depreendido do discurso e de seu leitor:

Esse tom permite ao leitor construir uma representação do corpo do enunciador (e não, evidentemente, do *corpo* do autor efetivo). A leitura faz, então, emergir uma instância subjetiva que desempenha o papel de fiador do que é dito (MAINGUENEAU, 2002, p. 98).

É por meio do *éthos* que um leitor pode depreender características que tornam essa imagem única no universo de significação que ele instaura. No entanto, o papel do leitor não é somente o de decodificar ou interpretar os discursos. Ele possui também um papel na construção dos sentidos do enunciado. Em outras palavras, o leitor pode ser também tratado como uma categoria sempre presente na produção do enunciado. Tal como o enunciador, o enunciatário é uma categoria que não se confunde com um indivíduo do mundo real: “O enunciatário é também uma construção do discurso. Não é o leitor real, mas um leitor ideal, uma imagem de um leitor produzida pelo discurso” (FIORIN, 2008, p. 153).

Assim, a enunciação se insere na dinâmica comunicacional de todo e qualquer discurso porque, independentemente de seu suporte de manifestação, a interação entre o enunciador e o enunciatário é parte constitutiva, sempre presente, e se define pela função específica de cada instância nessa dinâmica:

O *eu* e o *tu* são os actantes da enunciação, os participantes da ação enunciativa. Ambos constituem o sujeito da enunciação, porque o primeiro produz o enunciado e o segundo, funcionando como uma espécie de filtro, é levado em consideração pelo *eu* na construção do enunciado (FIORIN, 2008, p. 137).

Como há uma imagem do autor apreendida pelo discurso, pode-se logicamente inferir a existência de uma imagem do leitor extraída do enunciado. Além de ser construída pelo enunciado, a imagem do enunciatário também participa da construção do discurso, pois serve de parâmetro para orientar as escolhas do enunciador:

Nesse sentido, o auditório, o enunciatário, o *target*, como dizem os publicitários, faz parte do sujeito da enunciação; é produtor do discurso, na medida em que determina escolhas linguísticas do enunciador. Evidentemente, essas escolhas não são necessariamente conscientes (FIORIN, 2008, p. 154).

Por conseguinte, o enunciatário passa a ser entendido como um co-enunciador, dada a sua importância na constituição dos enunciados. Essa importância reside também em seu estatuto de ator do discurso, ou seja, como um conjunto temático-figurativo e não de carne e osso. Como resultado, o modo como o enunciatário orienta as escolhas enunciativas do enunciador faz com que a adesão ao discurso possa se tornar mais fácil, pois o enunciatário pode se ver representado no discurso e se identificar com o *éthos* do enunciador.

O enunciatário não adere ao discurso apenas porque ele é apresentado como um conjunto de idéias que expressam seus possíveis interesses, mas, sim, porque se identifica com um dado sujeito da enunciação, com um caráter, com um corpo, com um tom. Assim, o discurso não é apenas um conteúdo, mas também um modo de dizer, que constrói os sujeitos da enunciação. O discurso, ao construir um enunciador, constrói também seu correlato, o enunciatário (FIORIN, 2008, p. 144).

Por isso, como conceitos que se complementam, o *éthos* e o *pathos* são caminhos para se examinar as escolhas enunciativas que serão materializadas nos depoimentos a serem analisados e podem revelar os valores que orientam determinados discursos sobre a questão identitária de si e a que se constrói pelo olhar do outro:

Os atores da enunciação, imagens do enunciador e do enunciatário, constituem simulacros do autor e do leitor criados pelo texto. São esses simulacros que determinam todas as escolhas enunciativas, sejam elas conscientes ou inconscientes, que produzem os discursos. Para entender bem o conjunto de opções enunciativas produtoras de um discurso e para compreender sua eficácia, é preciso apreender as imagens do enunciador e do enunciatário, com suas paixões e qualidades, criadas discursivamente (FIORIN, 2008, p. 161).

Para se chegar ao *éthos* de um enunciador, é preciso realizar uma análise de todos os discursos produzidos pelo enunciador (ou pelo menos de uma parte significativa) para que seja possível, assim, chegar aos elementos que caracterizam o seu modo de dizer. Dessa

forma, é preciso construir uma totalidade discursiva ligada a um enunciador para se elaborar seu objeto de análise:

Deve-se buscar o estilo na configuração interdiscursiva de uma totalidade de discursos enunciados. Essa configuração interdiscursiva reúne núcleos temáticos e figurativos, em torno dos quais gravitam variações temáticas e figurativas, na confirmação de um estoque de figuras e temas de uma totalidade (DISCINI, 2003, p. 28).

Onde se encontram, na materialidade discursiva da totalidade, as marcas do *éthos* do enunciador? Dentro desse todo, procuram-se recorrências em qualquer elemento composicional do discurso ou do texto: na escolha do assunto, na construção das personagens, nos gêneros escolhidos, no nível de linguagem usado, no ritmo, na figurativização, na escolha dos temas, nas isotopias, etc. Em outras palavras, as marcas da presença do enunciatário não se encontram no enunciado (o dito), mas na enunciação enunciada, isto é, nas marcas deixadas pela enunciação no enunciado (o dizer) (FIORIN, 2008, p. 143).

Contudo, entende-se que essa totalidade tem ainda uma margem de arbitrariedade no ato de estabelecer seu recorte. Por essa razão, nos limitaremos a examinar a construção da imagem de si e do outro em discursos únicos de estudantes universitários em torno do tema da identidade de gênero. Optamos por cotejar a proposta acima, vinda da semiótica discursiva, com o que propõe a análise do discurso, como um meio para se chegar a um resultado mais global. Assim, por meio do *éthos* e do *pathos*, é possível se chegar a representações coletivas de uma determinada sociedade. Por consequência, desvela-se a eficácia discursiva e os valores mais ou menos (des)prestigiados de uma sociedade, na medida em que o *éthos* é, ao mesmo tempo, fundador e usuário dos estereótipos e das representações coletivas:

A imagem discursiva de si é, assim, ancorada em estereótipos, um arsenal de representações coletivas que determinam, parcialmente, a apresentação de si e sua eficácia em uma determinada cultura (MAINGUENEAU & CHARAUDEAU, 2006, p. 221).

Assim, por meio do *éthos* e do *páthos*, ver-se-á como são construídos os modos de dizer a respeito de si e do outro a partir do tema identidade de gênero. Apesar de não se constituir como uma totalidade discursiva, observamos, a seguir, como os depoentes constroem as imagens de si e dos outros, por meio de estereótipos, imagens inovadoras, releituras e retomadas advindas do passado. Em suma, examinaremos como, ao dizer, os entrevistados se constroem discursivamente, mesmo sem ter consciência desse gesto.

Importante destacar que ao longo das análises nos debruçaremos em identificar os *temas* e *figuras* presentes no nível discursivo nas falas dos depoentes, para isso é importante destacar as diferenciações sobre os conceitos de *temas* e *figuras* como nos propõe Fiorin:

[...] os temas são palavras ou expressões que não correspondem a algo existente no mundo natural, mas a elementos que categorizam, ordenam a realidade percebida pelos sentidos. As figuras, como elementos concretos são elementos ou expressões do mundo natural: substantivos concretos, verbos que indicam atividades físicas, adjetivos que expressam qualidades físicas (FIORIN, 1990, p. 20).

É por meio da perspectiva teórica adotada, uma tentativa de aproximação entre semiótica e análise do discurso, que iniciaremos as análises a seguir.

O eu construído vs. eu concebido

Uma característica geral dos discursos a serem analisados é o uso da debragem enunciativa (FIORIN, 1996). Assim, o efeito de subjetividade perpassa todos os depoimentos, o que pode também ser caracterizado como uma coerção do gênero “entrevista”. De qualquer maneira, é em torno de si que os fatos relatados ocorrem, tanto em termos pessoais como em termos temporais (passado e futuro em torno do presente) e espaciais (o lá que difere do aqui do lugar de depoimento). Da mesma maneira, é por meio da subjetividade que pontos de vista e sanções a respeito do outro são instaurados, como se verá a seguir.

Começamos com o participante identificado como Marcelo⁶, para quem foi perguntado sobre a forma como ele lida com a sua sexualidade desde o período de sua infância. Ele respondeu da seguinte maneira:

Bom para mim, anteriormente, sempre foi um problema, antigamente, era pior, né? Hoje eu consigo ver algumas coisas, assim, com certa naturalidade, mas ainda é um problema, assim para mim. Eu não lido tão bem quanto deveria. Acho que deveria lidar mais com certa naturalidade, né? Devido à... acho que a educação que eu tive, a questão da cultura também, né? Isso é muito forte, né? Muito presente. A questão da

⁶ Para manter o sigilo de identidade, foi utilizado o nome fictício Marcelo. O depoimento foi realizado em outubro de 2018. Foi utilizada a norma padrão do português brasileiro para a transcrição e redação dos depoimentos coletados. Em relação à pontuação, optamos por tentar respeitar características do registro oral, apesar de reconhecer as limitações de tal procedimento.

aceitação também, né? Que eu acho que, isso também, é muito forte em mim, buscar uma aceitação. Então por isso, a gente sempre tenta passar o melhor lado, né? O lado, talvez mais aceito... o lado que talvez seja o mais naturalizado pela nossa cultura. Então nisso, você acaba fazendo um movimento de se omitir em alguns pontos, né? Inclusive na questão da sexualidade... Então para poder corresponder a essa expectativa social, às vezes eu sinto que eu me anulo um pouco, nessa questão da sexualidade, né? (MARCELO, 2018, trecho 2).

De antemão Marcelo destaca que sua sexualidade sempre foi um problema e enfatiza sua dificuldade no manejo com essa questão. A negação de Marcelo se apresenta quando ele menciona “sempre foi um problema, antigamente era pior né, hoje eu consigo ver algumas coisas assim, com certa mais naturalidade, mas ainda é um problema assim para mim”. O problema em questão refere-se à não aceitação ou negação da sexualidade que surge como pauta no assunto entre o entrevistador e entrevistado. Em contrapartida, surge no discurso de Marcelo o sentido de obrigatoriedade que ele coloca ao destacar “acho que deveria lidar mais com certa naturalidade né”.

No fragmento mencionado anteriormente, apresenta-se um *dever-ser* de um modo (homem heterossexual idealizado) e o *não-dever-ser* de outra maneira (não se permitir sentir e redescobrir sua sexualidade/não poder falar sobre ela em sua casa e, em consequência disso, foi concebida a privação de Marcelo sentir/compreender sua verdadeira orientação sexual). Ocorre, neste fragmento, a construção da imagem de um sujeito ainda vacilante em relação às possibilidades de lidar melhor com a própria sexualidade. Além disso, percebe-se a influência do ambiente e dos valores familiares em relação ao modo como ele deveria construir sua representação enquanto sujeito em interação com os demais membros familiares.

Podemos destacar ainda a resistência de ambos os lados no que se refere ao trato do assunto sexualidade, do próprio Marcelo, quando se nega a falar sobre o tema no âmbito familiar, como vemos no trecho “Bom para mim anteriormente, sempre foi um problema”. Como Marcelo explica, este assunto é permeado por tantos tabus e dogmas em sua família que ela cria uma certa resistência, ou seja, evita discutir sobre o tema da sexualidade dele, mesmo quando já previam que algo não era como as expectativas heteronormativas empreendidas por seus familiares. As expectativas heteronormativas podem ser explicadas a partir do pensamento de Butler:

Essa resistência não precisa vir de fora das relações de poder, como, por exemplo, de um corpo submisso, de uma libido selvagem, de uma sexualidade não controlada ou de um desejo natural. A resistência vem do próprio poder, isto no sentido de vir da heterogeneidade dos jogos de força, com suas direções múltiplas. Ou seja,

Gláuks: Revista de Letras e Artes – jan/jun. 2019 – Vol. 19, Nº 1

quebrada a ideia de um poder que age de maneira unitária e ordenada, mas que produz efeitos inesperados, situações não completamente controladas, perde-se a necessidade de responder sobre o que o poder age. De certa forma, ele age sobre suas próprias camadas (BUTLER, 2017a, p. 189).

Por essa razão, não é preciso ter um centro facilmente identificável de poder de onde emanaria toda forma de repressão. O controle que é feito nos discursos a respeito da sexualidade e do gênero também ocorre de modo difuso, com a internalização de um padrão valorativo que orienta os julgamentos sociais que são realizados em qualquer âmbito, inclusive o familiar. Assim, o predomínio da noção de aceitação ou negação da sexualidade que impera na sociedade em que vivemos traduz e legitima o que as figuras que detêm o poder (no âmbito político, religioso e social) fundamentam sobre o tema, envolvendo a repressão de maneira que não sejam suscitadas discussões e questionamentos sobre o assunto, pois esse prevê desdobramentos que contrapõem os ideais heteronormativos que permeiam o campo social. No trecho “dever lidar bem com maior naturalidade com a sexualidade”, apontado por Marcelo reflete a maneira como foi introjetado nele a padronização do ideal a ser feito diante de questões complexas que tratam dos temas: sexualidade; identidade; orientação; gênero entre outros assuntos.

Em outro trecho (“acho que a educação que eu tive a questão da cultura também né, isso é muito forte né, muito presente”), Marcelo parece acreditar que o ato de lidar com a sua sexualidade ocorre no campo da *cultura*, o que podemos pontuar como religiosa, heteronormativa e repressora. O que contradiz a *natureza*, que nesse caso refere-se aos aspectos biológicos, que preveem mudanças corpóreas que ocorrem desde o nascimento, perduram na infância, transacionam pela adolescência, fase adulta e caminham para o período senil, inerentes a todo e qualquer ser humano. No discurso de Marcelo, observamos que a construção da representação de si deriva de uma discussão sobre o que é inato e o que é dado pela cultura. Ele concebe a sua dificuldade em lidar com a própria sexualidade com uma questão cultural, deslocando a discussão do polo natural, na medida em que ele percebe que se trata mais de um gesto do que de uma essência, um pouco na linha do que Butler menciona sobre a dimensão performática do gênero:

Se o corpo não é um “ser”, mas uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia do gênero e da heterossexualidade compulsória, então que linguagem resta para compreender essa representação corporal, esse gênero, que constitui sua significação “interna” em sua superfície? Sartre talvez chamasse esse

ato de “estilo de ser”; Foucault, de “estilística da existência”. Na minha leitura de Beauvoir, sugeri que os corpos marcados pelo gênero são “estilos de carne”. Esses estilos nunca são plenamente originais, pois os estilos têm uma história, e suas histórias condicionam e limitam suas possibilidades. Consideremos o gênero, por exemplo, como um estilo *corporal*, um “ato”, por assim dizer, que tanto é intencional como *performativo*, onde “*performativo*” sugere construção dramática e contingente do sentido (BUTLER, 2017b, p. 240).

Essa variabilidade transacional em que o corpo, o gênero e a identidade percorrem é refletida e atravessada pela historicidade que a concebe em seus diferentes contextos, corroborando para novas perspectivas e significados que surgem ao longo da existência desse sujeito que a todo tempo se modifica. Segundo Fiorin (2011, p. 21), “[...] estudar a historicidade inerente a um texto é, assim, analisá-lo do ponto de vista das relações que um texto mantém com o outro. Isso é que é integrar a história sob o primado da forma”.

Desse modo, o papel temático que surge no discurso de Marcelo refere-se ao parecer um homem bem resolvido em relação a sua sexualidade (podemos pensar até mesmo não parecer um homem heterossexual), pois quando ele afirma “a gente sempre tenta passar o melhor lado né, o lado talvez mais aceito, o lado que talvez seja o mais naturalizado pela nossa cultura”, demonstra que a sociedade o aceita quando ele demonstra seu lado que não foge da normatividade que a segmenta. Tratando-se de um *simulacro* criado para dar ilusão de um *parecer verdadeiro* que na verdade pode não ser, pois em sua subjetividade Marcelo confessa ter dificuldades na autoaceitação e no modo como lida com a sua sexualidade.

Podemos destacar a utilização de estratégias que ele mobiliza para se sentir aceito e pertencente ao conjunto de pessoas com quem ele convive, negando a si próprio qualquer possibilidade de externalizar aspectos de sua sexualidade por medo de ser excluído ou rechaçado dos grupos dos quais fazia parte, seja entre sua família, ciclos de amizades ou até mesmo no trabalho.

Há também a presença de alguns valores muito específicos no discurso dos pais de Marcelo, em especial sobre seu pai que, segundo o próprio depoente, sempre soube de sua orientação sexual, mas nunca quis falar sobre isso. Esses valores sofrem uma possível ameaça em relação à masculinidade dele, enquanto pai, e do próprio filho, e o que Marcelo poderia perder, caso se desviasse dos padrões normativos e os privilégios imputados a ele desde o seu nascimento por ter nascido homem.

Em nossa sociedade, a masculinidade está associada a valores de poder, legitimidade e privilégio; está frequentemente ligada, simbolicamente, ao poder do estado e a uma distribuição desigual da riqueza. A masculinidade parece se espalhar no patriarcado e na família; masculinidade representa o poder de herdar, o controle da troca de mulheres e a esperança de privilégio social (HALBERSTAM, 2008, p. 24, tradução nossa)⁷.

O papel dos pais de Marcelo aponta para a finalidade de censurá-lo, quando o assunto se refere à sua sexualidade, pois desde criança o jovem se vê com medo de receber os valores negativos e ser julgado por seus pais, caso demonstrasse algum comportamento desviante ao que lhe foi ensinado desde sempre. Nesse sentido, tratava-se de uma domesticação advinda da figura de autoridade dos pais do depoente, que objetivava a impossibilidade de o filho explorar e compreender a plenitude de sua sexualidade. Somente em sua idade jovem adulta, Marcelo pôde falar e entender os assuntos voltados a sua sexualidade de maneira livre de privações, ordens e prescrições, tal como afirma Foucault:

[...] liberdade é mais do que uma não-escravidão, mais do que uma liberação que tronaria o indivíduo independente de qualquer coerção exterior ou interior, na sua forma plena e positiva, ela é poder que se exerce sobre si, no poder que se exerce sobre os outros. Com efeito, aquele que [...] encontra-se situado sob autoridade dos outros não tem que esperar de si mesmo o princípio de sua temperança; basta-lhe obedecer às ordens e às prescrições que se lhe dá (FOUCAULT, 1984, p. 75).

Ao longo do discurso de Marcelo são apresentados diversos temas. Optamos por destacar os seguintes:

a) Aceitação da sexualidade como fenômeno natural inerente a todo e qualquer ser humano. Aqui podemos destacar duas maneiras distintas nas quais Marcelo constrói a imagem de si mesmo. A princípio, permeada pelo medo, censura e restrição, devido à postura rígida de seus pais; e no segundo momento de sua vida, quando mais maduro, de maneira consciente, livre, com novos valores e visões do mundo adquiridos pelo depoente, com o desenvolvimento de seu senso crítico, propiciado por meio do conhecimento que o jovem alcançou em determinado ponto de sua trajetória de vida.

b) Repressão e censura sobre a possibilidade de falar sentir e pensar a sexualidade enquanto algo natural e comum a todos;

⁷ Texto original: *En nuestra sociedad la masculinidad se asocia a valores de poder, legitimidad y privilegio; a menudo se la vincula, simbólicamente, al poder del estado y a una desigual distribución de la riqueza. La masculinidad parece difundirse hacia fuera en el patriarcado y hacia dentro en la familia; la masculinidad representa el poder de heredar, el control del intercambio de las mujeres y la esperanza del privilegio social (HALBERSTAM, 2008, p. 24).*

c) Da interação que pode segregar, oprime e exclui aqueles que fogem da normatividade que o poder instaura; nesse caso, os temas de família foram figurativizados pelo pai e pela mãe de Marcelo.

Além disso, o discurso de Marcelo se fundamenta em um estado de ambivalência quando ele assume que existe certo tradicionalismo e certa resistência em se abrir quando mencionado o tema sexualidade. Em contrapartida, ele ainda sente uma necessidade e idealiza o poder-ser livre, agir, pensar e sentir o que for, independente dos juízos de valor atribuídos a ele por fugir dos padrões estabelecidos por seus pares.

Simulacros construídos e discursos de (re)descobertas

No segundo momento das entrevistas realizadas, foi perguntado para outra depoente, esta identificada aqui como Bruna⁸, sobre como era para ela lidar com a sua sexualidade e orientação sexual após se aceitar ou se (re)descobrir, como ela mesma sinalizou em outro momento de sua fala. Seu discurso foi o seguinte:

Quando eu despertei interesse por uma menina, eu tinha 15 anos, tinha acabado de fazer 15 anos e foi uma coisa... muito do nada. Se eu estava conversando, de repente eu parei, pensei, falei... nossa! eu não queria que ficasse só na amizade, e ela já era assumidamente, assim, lésbica, né? Porque ela tinha 19 anos.

E quando a minha família descobriu, foi um caos total, eu acho que por eu ser nova, eles acharam que era uma fase, não sei... desde então, eu sempre passei por várias situações, que não me deixam confortável... eu não sou totalmente confortável para essa situação, então, tanto por ser mulher, quanto por ser lésbica, são questões... eu acho que, tipo me desestrutura em certas horas do dia... E por ser mãe também. Então eu tenho um medo muito grande, da minha filha passar por algo, que não tem necessidade, que eu não acho necessário, por questões que não são dela, né? são questões minhas. E é o que me incomoda muito além de tudo (BRUNA, 2018, trecho 3).

No momento em que Bruna conta que começou a se envolver com uma menina e que passou a pensar na possibilidade de ter algo mais do que uma simples amizade, é possível constatar o predomínio de uma liberdade, que mais tarde, nos trechos seguintes de sua fala,

⁸ Para manter o sigilo de identidade, foi utilizado o nome fictício Bruna. O depoimento foi realizado em novembro de 2018.

constitui-se como uma liberdade falseada, visto que junto a esse desejo, surgiram medos, inseguranças e restrições, consequências essas que no início Bruna desconhecia, devido à sua falta de experiência de vida, segundo seu próprio relato.

No entanto, Bruna não demonstra e nem sinaliza dificuldades consigo mesma para falar sobre o assunto de sua sexualidade e de sua orientação sexual quando era nova. Podemos entender que se tratou de um processo fluído em relação à (re)descoberta de sua orientação sexual. Assim, somente após o contato com o outro, como a sua família e a sociedade geral, foi que Bruna passou a demonstrar certo receio pelas implicações que sua própria condição de sentir poderia ocasionar no futuro.

A respeito de sua orientação sexual, tratava-se de um segredo que ela buscava ocultar de sua família. Esse aspecto fica claro quando ela diz “quando minha família descobriu, foi um caos total”, pois, por conhecê-los, sabia quais eram os valores que cada um tinha e como poderiam reagir diante da condição divergente da qual a jovem gozava.

Quando Bruna está sozinha consigo mesma, concebe de maneira natural sua condição e seus desejos que independem de uma unicidade que padroniza. Porém, quando se encontra sob interação com todos a sua volta, sua família e demais grupos sociais, cria-se uma censura, permeada por tabus e valores heteronormativos que a fazem sentir-se mal. Em certa medida, encontramos na fala de Bruna o mesmo movimento de construção da identidade proposto por Landowski (2002) mencionado no começo deste trabalho: o movimento reflexivo, do discurso sobre si, e a transitividade, que necessita do outro para constituir-se.

Ao longo do depoimento de Bruna, a jovem destacou que em alguns momentos sente-se desestruturada pelo fato de ser mulher, lésbica e mãe⁹. Isso se dá por que ela se vê o tempo todo obrigada a corresponder às expectativas sociais, no que tange à forma (idealizada) de como uma mulher deve ser e se comportar, assim como em relação aos preconceitos e estereótipos construídos socialmente referentes à imagem de uma mulher lésbica, e por fim, Bruna tem que lidar com a responsabilidade e o *dever-ser* mãe, e mais do que isso, ser uma

⁹ Os estudos sobre as famílias homoparentais femininas [...] podem ser examinados a partir de três ondas (Johnson, 2012): a primeira onda, iniciada na década de 1970, época na qual as pesquisas focavam principalmente as mulheres lésbicas que tinham se tornado mães a partir de relacionamentos heterossexuais, anterior à sua “saída do armário” (Cohen & Savin-Williams, 2014). Nas décadas de 1980, até o início da década de 1990, [...] [n]a segunda onda, [...] passou-se a investigar as mulheres que haviam se tornado mães no contexto das próprias relações lésbicas. Na terceira onda, a partir de meados da década de 1990, passou-se a examinar o funcionamento e a dinâmica familiar de mulheres lésbicas que concebiam seus filhos nas próprias relações do mesmo sexo, especialmente por meio da parentalidade planejada: adoção e reprodução assistida (LIRA; MORAIS; BORIS, 2015, p. 75). O caso de Bruna refere-se ao citado na primeira onda, pois ela se tornou mãe quando estava em uma relação heterossexual, antes de sua (re)descoberta enquanto mulher lésbica.

boa mãe, segundo o que prevê comumente os discursos presentes no senso comum disseminados pela voz de seus familiares e pessoas de seu convívio social.

As representações desenvolvidas por Bruna, apresentadas ao longo de seu discurso, denotam a sobrecarga por ela experienciada constantemente durante sua trajetória de vida. Também se manifestam transformações e descobertas identitárias que a jovem experienciou desde a sua adolescência, quando por meio de uma relação heterossexual precoce, ela se tornou mãe, e em seguida, após se relacionar com um mulher, se descobriu lésbica, rompendo com a imagem heteronormativa que sua família concebia dela mesma até aquele momento.

Assim, ao longo do discurso de Bruna são apresentados tais conflitos identitários em que estes concebem os temas de:

- a) Conflitos familiares em decorrência da descoberta da orientação sexual de Bruna que se identificou mais tarde como mulher lésbica;
- b) Crise identitária quando Bruna se vê como uma mulher cisgênero e lésbica e rompe com os padrões sociais e familiares esperados que se referem à maneira como uma mulher deve agir e com quem ela deve se relacionar;

No discurso de Bruna, fica clara a existência dos conflitos familiares diante da revelação de sua orientação sexual. Essa descoberta é mais impactante para o seu pai, segundo ela. Em outro momento da entrevista, Bruna disse que tinha uma relação muito harmoniosa com o seu pai, porém, após ele descobrir que ela era lésbica, tudo mudou e a relação de pai e filha que antes era tranquila e harmoniosa passou a se tornar difícil e permeada por discussões, mágoas e ressentimentos.

Eu e meu pai tínhamos uma relação boa muito boa. Depois do acontecido, que ele descobriu e tudo mais, a gente nunca mais conversou, a gente tem contato só que é um contato assim super raso. Eu sinto que vem de obrigação dele, e, da minha parte eu também eu admito que é por obrigação. Às vezes na maior parte do tempo, eu falar, eu faço porque é meu pai, mas por livre espontânea vontade não (BRUNA, 2018, trecho 4).

É possível pontuar ainda que no seio social, o peso e os valores atribuídos à condição de ser uma mulher lésbica, se diferem da condição de um homem denominado como homossexual, como também difere dos casos de pessoas trans e dos não binários. Trata-se de valores distintos ancorados pelo pensamento machista que há muito tempo imperou e ainda prevalece em diversas esferas sociais, políticas e religiosas. A fala de Bruna constrói, assim, a

imagem de um pai intolerante, na medida em que não aceita a condição da filha nem procura deslocar suas certezas para tentar compreender as razões de sua filha.

Com a objetivação do corpo feminino, em meados dos anos 60, 70 e 80 concebida pela classe dominante, permanecia e até hoje prevalece a ideia de que o fato de duas mulheres se relacionarem afetiva e sexualmente produz um efeito de sentido erótico e sensual, então, tal prática é vista e aceita de maneira um pouco menos excludente, preconceituosa e estereotipada, do que o contrário, quando dois homens se relacionam da mesma maneira.

No entanto, quando se trata das relações familiares, como a que descrevemos e estamos analisando acima, esses valores se modificam outra vez, e passam a possuir impacto negativo, o mesmo que prevê a exclusão e os atos intolerantes direcionados LGBTQI+, pois, ainda sim, trata-se de um rompimento com práticas socialmente aceitas, ou seja, a heterossexualidade compulsória. Nesses momentos faz-se necessária a busca por lugares e de pessoas que acolhem e não julgam.

Quando a família não está lá para impulsionar você, quando você desaparece da vida familiar, você tem que encontrar outras formas de apoio. Quando você desaparece da vida familiar: isso acontece com você? Você vai para casa e volta para casa. E é como se você estivesse vendo a si mesmo desaparecer: você está vendo como toda a sua vida se desfaz, linha por linha. Ninguém quis ou tentou fazer você desaparecer. Lentamente, devagar, vagarosamente, como conversa familiar, heterossexualidade como o futuro, da vida que você não vive, lentamente, lentamente, lentamente, lentamente desaparece. Eles te recebem; eles são amigáveis, mas é cada vez mais difícil respirar. E então, quando você vai embora, você irá procurar um lar lésbico ou um espaço queer; pode ser um grande alívio. Você se sente como um pé solto de um sapato que aperta você: como você mexe os dedos! E precisamos pensar sobre isso: que a restrição da vida quando a heterossexualidade é uma presunção pode ser compensada pela criação de espaços mais soltos e livres, não apenas porque você não está cercado pelo que não é, mas também porque isso o lembra de que existem muitas maneiras de ser. Bares lésbicos, espaços *queer*: espaço de manobra (AHMED, 2018, pp. 297-298, tradução¹⁰).

Por fim, no depoimento de Bruna, identificamos a figura do medo tematizado com o possível futuro (imaginado) de sua filha, em que Bruna pensa a possibilidade de a filha ter a

¹⁰ *Texto original: Cuando la familia no está ahí para impulsarte, cuando desapareces de la vida familiar, tienes que encontrar otras formas de apoyo. Cuando desapareces de la vida familiar: te pasa eso? Vas a casa, vuelves a casa. Y es como si te estuvieras viendo desaparecer: estás viendo cómo tu vida entera se deshace, hilo a hilo. Nadie ha deseado o intentado que desaparezcas. Lenta lentamente, lenta lentamente, como conversación de familia, de heterosexualidad como el futuro, de vida que no vives, lenta lentamente, lenta lentamente, desapareces. Te reciben; son amables, pero cada vez es más difícil respirar. Y, luego, cuando te marchas, irás a buscar un lar de lesbianas o un espacio queer; puede ser un gran alivio. Te sientes como un pie liberado de un calzado que te aprieta: ¡cómo menea los dedos! Y necesitamos pensar en esto: que la restricción de vida cuando la heterosexualidad es una presunción puede contrarrestarse creando espacios más sueltos, más libres, no solo porque no estás rodeada por lo que no eres, sino también porque esto te recuerda que existen muchas maneras de ser. Bares de lesbianas, espacios *queer*: margen de maniobra (AHMED, 2018, pp. 297-298).*

mesma orientação sexual que ela, e isso lhe causa medo, com base nas experiências infelizes que ela vivenciou ao longo de sua vida, devido a sua condição enquanto mulher, mãe e lésbica que rompeu com o que era esperado e aceito socialmente por todos a sua volta.

No entanto, há o predomínio do medo que Bruna sente em relação ao futuro de sua filha, e paradoxalmente, existem também pontos positivos dela a criar e a educar. Se de um lado a relação que Bruna possui com o seu pai é permeada pelo fenômeno da intolerância, que concebia o medo da jovem poder se mostrar como mulher lésbica, de outro, ela busca não replicar o modelo de educação recebido pelo seu pai, esse orientado pela intolerância, para a educação de sua filha. Bruna busca educar a filha de maneira permissiva, ainda que com certo medo (relacionado aos desdobramentos negativos que o fato de não ser heterossexual possam causar), apontando a possibilidade de ela poder-ser como ela deseja, sem que haja o predomínio de quaisquer juízos de valor negativos para ela, caso sua orientação sexual, fuja do modelo heterossexual. Assim,

O ambiente permeado de apoio e honestidade por parte das mães lésbicas parece favorecer que os filhos/enteados possam demonstrar uma influência exclusivamente positiva em relação ao seu desenvolvimento da identidade sexual e de gênero, contribuindo para o desempenho menos rígido e estereotipado dos repertórios de papéis masculino e feminino (COHEN & KUVALANKA, 2011; KUVALANKA & GOLDBERG, 2009, apud LIRA; MORAIS; BORIS, 2015, p. 84).

Com isso, podemos esperar uma geração talvez um pouco mais tolerante à diversidade, com valores distintos de uma geração que não aceita muito bem observar as transformações do mundo pelo viés contrário à sua maneira de conceber a vida. Desse modo, a expectativa é a de que discursos de descobertas e de choques familiares tornem-se cada vez mais raros, na medida em que se normaliza a diversidade de gênero existente em qualquer sociedade, a despeito de todas as tentativas para suprimi-la.

Considerações finais

Com base nos depoimentos acima analisados, foi possível identificar que a imagem que cada um deles demonstra ao longo de seus discursos, reflete a subjetividade e singularidade de cada identidade, estas que se constroem e se (re)constroem a todo momento, tratando-se de um devir em constante transformação.

Segundo o discurso de Bruna, há um fenômeno muito particular que difere do que se passa no início da fala de Marcelo. Ela se mostra eufórica ao relatar a si mesma e sua primeira relação afetiva com sua, até então, somente amiga, enquanto para Marcelo, tratar sobre o mesmo assunto, causava-lhe incômodo e desconforto.

De acordo com os discursos analisados, foi possível identificar diferenças, nos modos de lidar com o assunto sexualidade e identidade de gênero. Cada um dos sujeitos envolvidos foi criado de maneira singular, e experienciou situações diversas e complexas que devem ser analisadas com base no contexto no qual eles estavam inseridos. A partir disso, podemos inferir que, para Marcelo, os valores heteronormativos e excludentes herdados por sua família e seu ciclo social estavam desde sempre muito bem destacados em sua constituição identitária, o que lhe causou repressão mesmo antes de ele se permitir viver, descobrir ou (re)descobrir a sua sexualidade.

Diferente do caso de Marcelo, Bruna demonstra que à princípio não havia sequer se dado conta do que de fato ela sentia, e que somente após o contato mais íntimo com sua amiga, entrou em conjunção com uma nova parte de sua identidade até então inexplorada, a homossexualidade. Desse modo, ela contraria um certo estereótipo ligado às lésbicas, na medida em que primeiro teve uma vivência heteronormativa, tornou-se mãe e somente depois descobriu-se homossexual.

Cada sujeito vivencia e experiencia sua sexualidade e seu modo de existir de maneira única. No entanto, há similaridades em como essas descobertas ou (re)descobertas repercutem no contato com o outro, pois, ao analisar os fragmentos, eles apresentam a recusa ou a dificuldade do outro em aceitar o que é diferente, o que é novo, o que foge aos padrões heteronormativos predominantes no seio social.

Apesar das dificuldades em aceitar-se e dos conflitos vivenciados, o tom de voz utilizado ao longo dos depoimentos não transparece nenhum tipo de vitimismo ou de

arrependimento. Pelo contrário, as falas relatam experiências difíceis, mas cujas ultrapassagens foram necessárias para o aprendizado das interações sociais, assim como para o aceitar-se e o amar-se. Desse modo, a imagem que em geral os depoentes constroem é a de sujeitos que conseguem elaborar e expressar suas experiências, opiniões e vivências de modo a transmitir a imagem de que se constituíram sujeitos plenos. No que se refere as relações com o outro, as tentativas de exclusão ou de segregação, são sancionadas negativamente e a sombra da opressão que pairava anteriormente é afastada por meio de outros estilos de vida, de convivência e de novas amizades.

Procuramos entender como se concebe a identidade, a sexualidade e a orientação sexual dos sujeitos participantes desse estudo. Por meio dos discursos analisados, observamos que a forma como as identidades são concebidas tem como base os valores presentes nas relações familiares e sociais que quase sempre se fundamentam em princípios tradicionais que fazem com que o sofrimento e o processo de descoberta identitária seja penoso e permeado de conflitos internos e externos para os sujeitos envolvidos.

Referências Bibliográficas

AHMED, Sara. *Vivir una vida feminista*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2018.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. 15ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira., 2017.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética*. Tradução: Rogério Bettoni. 1. ed.; 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DISCINI, Norma. *O estilo do texto*. São Paulo: Contexto, 2003.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.

FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido – estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. Semiótica e história. *Cadernos de Letras da UFF–Dossiê: Linguagens em diálogo*, 42: 15-34, 2011. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/42/artigo1.pdf>>. Acesso em: 04 de mar. 2019.

FIORIN, José Luiz. Sobre a tipologia dos discursos. *Significação Revista Brasileira de Linguística*, Araraquara, v. 8, n. 9, p. 91-98, 1990.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Primeira edição 1926. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque/Revisão técnica de José Augusto Guillon Albuquerque. 8ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

HALBERSTAM, Judith. *Masculinidade feminina*. Tradução: Javier Saéz. Barcelo: EditoFIORIN, José Luiz. Sobre a tipologia dos discursos. *Significação Revista Brasileira de Linguística*, Araraquara, v. 8, n. 9, p. 91-98, 1990.rial EGALES, 2008.

LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida*. Campinas/São Paulo: Pontes/EDUC, 1992.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LIRA, Aline Nogueira de; **MORAIS**, Normanda Araújo de; **BORIS**, Georges Daniel Janja Bloc. A homoparentalidade em cena: a vivência cotidiana de mulheres lésbicas com seus filhos. *Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto*, v. 16, n. 1, p. 74-91, 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 jul. 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique; **CHARAUDEAU**, Patrick. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.

Lgbtqi+ life narratives: varying identities and segregating otherness

Abstract: This article regards to an investigation carried in an educational institution based in the interior of São Paulo state in Brazil, the objective of its development is to contribute to a new perspective on gender identity studies, relating this subject to Semiotics. In order to do so, testimonies were collected. In those testimonies, undergraduate students shared their life experiences concerning to their gender identity. In this article will be presented the experiences of two participants and the Semiotics, along with gender and sexuality studies, will base the theoretical grounds to the analysis process. The results collected from the analysis presented an evolutional trajectory to the participants and their relatives. To the participants, the evolutional path regards to their identities, passing through repression, discovery and acceptance stages. In addition, the analysis also evidenced the construction of the two participant's images (before and after the sanction of the acceptance concerning their identity), as well as of their relatives. The results pointed to other possibilities on several ways to observe the identity subject and how they are conceived socially (regarding family and others) and internally.

Keywords: Gender identity; Socio-Semiotics; Sexuality; Discovery.